

## Índice

Prefácio, de Carmen Maria Machado	9
<i>Eles</i>	
Frente a Um Perigo	17
As Visitas	27
Bolsa de Sossego	37
Uma Pedra de Apreensão	47
O Belo Vale	59
Um Dia Alegre	71
A Sorte	81
O Jardim	93
Olá, Amor	105

## Frente a Um Perigo

Vista à luz do princípio de setembro, a casa de Karr parecia magnificente. De facto, era realmente esplêndida. Do terraço tinha-se uma vista desafogada do mar. Karr levou-me lá acima para me fazer ver onde estava. A perspectiva era a de um triângulo apertado. Poderia imaginar-se que Karr vivia numa ilha; a saliência de um troço de terra entre dois rios estreitos, um dos quais se alargava a caminho do mar, o outro um canal, onde alguns cisnes singravam. Em parte prado, em parte pântano, com tufos de junco altos e bolsas de areia aqui e ali. Um santuário natural de aves, cujo voo experimentávamos como parte da paisagem.

A casa de Karr implantava-se num alto de terreno murado, precavendo-se das enchentes da maré. Hidrângeas gigantes, mais pequenas árvores do que arbustos, dispunham-se estrategicamente enraizadas entre as pedras ovais do pavimento do terraço; flores de vários tons de rosa cintilavam ao sol de outono, uma insolente abundância ostensiva, virada a sul. Ao descermos para as ver, eu percebi que Karr as cuidava todos os dias. Exprimiam ritual e cuidado.

— Gosto do contraste — disse eu. Karr compreendeu. Ficou de pé diante da porta de casa aberta vendo-me chegar, através do pequeno bosque, um oásis no estuário em redor.

— Este bosque foi plantado há muito tempo — disse ele.  
— Não foi difícil chegares até aqui?

— A princípio, sim, mas assim que vi a velha capela dos marinheiros, soube que não estava longe.

— Entraste na capela?

Contei-lhe o que fizera dentro da capela: abri a Bíblia ao acaso, fechei os olhos e pus o meu dedo em cima de uma das páginas. O jogo do presságio que jogávamos na infância.

— O que é que te saiu? — perguntou Karr.

— O Apocalipse, é claro! — e forcei-me a rir. — “*Eis que venho como um ladrão.*”

— Não viste a casa de guarda atrás da capela — disse Karr.  
— Vamos lá vê-la depois.

Os criados eram discretos; mal dei pelas suas idas e vindas. O miúdo, Jake, apresentou-me o seu animal de companhia, um labrador preto, que lhe chegava à altura do queixo. — Chamasse *Omar*, como o poeta que conheces. — Sentámo-nos ao fundo das escadas austeras e contámos histórias um ao outro, até que Jake disse que eram horas do passeio do *Omar*.

Fui ter com Karr à biblioteca. As janelas davam para o terraço. — Podes vir para aqui sempre que quiseres — disse Karr. Estava de pé diante da janela aberta e olhou para o céu. — Vamos lá ver a Claire? — perguntou.

O piso de baixo da casa de guarda fora transformado em *atelier*. Olhei para o quadro que Claire acabara de pintar. Era amarelo, inteiramente amarelo, com todas as variantes e profundidades de amarelo. Eu quase não podia suportá-lo. Saí e bamboleei pela relva.

— É belo, não é? — disse Karr.

— Insuportavelmente belo. — Voltei a entrar e a olhar para o quadro.

— Vou dar-to, se gostas dele — disse Claire.

— Ainda não. — Tomou-me a ansiedade. — Ainda não.

— Queres que te acompanhe no regresso? — perguntou Karr.

— Acho que darei bem com o caminho. Vou pela ponte do canal.

Jake e o *Omar* estavam à minha espera na ponte. Despediram-se de mim com um aceno enquanto eu virava em direção à estrada costeira.

Ao chegar à minha casa de campo, o Sol carregava a linha do céu de ocre queimado. Abri as minhas janelas e olhei as rochas no fundo da falésia. A maré estava a mudar. Planavam gaivotas, preparando-se para a última pesca da noite, enquanto as ondas rolavam de novo terra adentro.

Escrevi duas cartas, uma para Karr e uma para Claire. Desci o trilho íngreme até à praia e apanhei mais algumas pequenas pedras furadas nas poças verdes entre as rochas. Passavam-me pequenos caranguejos entre os dedos. Embrulhei três pedrinhas e enderecei o pacote a Jake. *Isto são esculturas do mar e agora precisas de lhes pôr nomes*, escrevi numa folha de papel azul.

Decidi ir à aldeia. Havia somente um desconhecido sentado no banco em frente do molhe em mau estado. Passei diante dele duas vezes, mas ele não olhou na minha direção. Entrei na loja para ver que novidades haveria. — Agora são os livros de Oxford. — Abanei a cabeça como se não me interessasse.

No dia seguinte, cedo, andei ao longo da praia, caminhando ao sol. Testei a minha memória da poesia de Keats. Pouco depois do meio-dia, cheguei ao estuário. Perturbei uma colónia de borboletas ao escalar a custo a margem do rio. Jake e o *Omar* estavam à minha espera lá em cima. Enquanto andávamos em direção à casa de Karr, contei a Jake outra história, mais longa desta vez.

— Chegou o Garth — disse Karr. — Trouxe o piano dele.

— Para a capela? — perguntei eu.

— Sim, instalou-se lá dentro para recordar. — Karr calou-se de repente, e olhou através dos seus *Zeiss Telita* para o rio. — Era melhor ficares cá esta noite — disse ele.

Depois de almoço, abri a porta da capela. Garth estava sentado ao piano a olhar para as teclas. — Tem de ser possível recordar tudo — disse ele. — Com tempo, sim — disse eu, e voltei a sair.

Impedi que Jake fosse ter com Garth. — Ele está a recordar — disse eu. — Mais tarde. — De mãos dadas, andámos na direção da casa de guarda. O *Omar* saltou atrás de uma criatura qualquer que farejara no bosque.

— Tu não te importas nada, pois não? — perguntei a Claire.

— Não tenho tempo para me importar — disse ela, continuando a pintar.

Jake observava-a atentamente.

— Vais a casa do Karr esta noite? — perguntei-lhe.

— Talvez vá. — Olhou para mim e beijou-me.

O quadro que ela estava a pintar era azul, inteiramente azul, com todas as variantes e profundidades de azul. Jake saiu e chorou. O *Omar* lambeu-lhe as lágrimas.

— Anda, vamos ver as galinhas — disse-lhe eu.

Voltámos para casa de Karr subindo os degraus do muro do terraço. Os criados estavam a trazer o chá.

— Depois de jantar vamos jogar xadrez — disse Karr — até eles se irem deitar.

— A Claire está apaixonada pelo Garth? — perguntei.

— Não estamos todos apaixonados? — sorriu Karr para Jake.

— Deve ser possível... — comecei eu.

— Escapar?

— Suponho que é isso que quero dizer.

— Ninguém vai escapar — disse Karr.

Fui para a biblioteca e estive a ler até ao jantar. Karr observava-me atentamente. Karr foi regar as hidrângeas.

Claire e Garth entraram a sorrir. Ele tinha-se lembrado, pensei, ao surpreender a expressão de desafio nos seus olhos. Enquanto Karr e eu estamos a jogar xadrez, ele fará amor com

Claire na casa de guarda, e depois voltará à capela e tocará o que recorda. Jake deslizará para fora da cama, para, como um animal noturno, se pôr a caminho da capela. Abrirá a porta, tornará a fechá-la atrás de si e escutará atentamente Garth. Eu sabia tudo isto enquanto esperávamos pela noite.

— Tens um criado novo — disse Claire a Karr.

— Tenho. Eles mandaram-no vir — respondeu Karr sem se perturbar.

— Era de esperar. — Garth pareceu inquieto. — Devia ir-me embora, eu?

— É imperativo que fiques — disse Karr.

Acordei ao alvorecer, escrevi uma nota para Garth, que, ao passar, enfiei por baixo da porta da capela. De regresso à minha casa de campo, testei a minha memória dos romances tardios de Henry James. Dei pela falta do meu exemplar de *Middlemarch* na minha estante. Sentei-me no jardim e pensei em Garth a recordar a música, e em Claire a pintar, e parei de ter medo. Fiz um poema para Jake.

Claire veio ver-me à tarde. Trazia um cesto cheio de amoras que apanhara pelo caminho. Entre bocas cheias de amoras, lemo-nos poemas. Em cada poema estava contida uma parte das nossas vidas separadas.

— Já não fecho a minha porta — disse eu. — Eles levaram-me outro livro a noite passada.

— Sim, eles estão a fazer-se mais ativos — disse Claire.

— Avançam mais devagar nesta parte do país — disse eu.

— O *sniper* excêntrico — riu-se Claire.

— A vanguarda. — A histeria abalava-nos.

— O Garth perdeu tudo de uma vez — disse Claire. — Todas as partituras de uma vez. Aqui as coisas são mais furtivas.

Atrevi-me a fazer a pergunta que mais queria fazer. — A memória do Jake é boa?

— O Karr treinou-o bem — disse Claire.

— Eles vão perceber? — perguntei eu.